

Considerações sobre a interdisciplinaridade: a ciência do desenvolvimento como opção

Geraldo A. Fiamenghi Jr

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Este artigo discute a questão da multi e interdisciplinaridade no contexto das avaliações institucionais e como se pode, dentro de uma perspectiva da ciência do desenvolvimento, integrar áreas diferenciadas do conhecimento.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Multidisciplinaridade, Ciência do desenvolvimento.

A maioria dos textos científicos internacionais discute a interdisciplinaridade, ou com uma defesa apaixonada, ou com uma crítica destruidora. Os argumentos justificam ambas as posições, porque o assunto está longe de ser esgotado.

Enquanto experiências em Universidades estrangeiras demonstram os benefícios do ensino interdisciplinar, já nos primeiros momentos dos cursos, como a Portland State University (MURRAY, 1999), outras sugerem cautela.

Autores explicam que, quando não se parte de uma análise cuidadosa da natureza das diferentes disciplinas na Universidade, provoca-se uma visão descontextualizada de interdisciplinaridade, como a que ocorreu nos anos 1970, no Reino Unido (SQUIRES, 1992).

Tal alerta nos remete a duas questões: em primeiro lugar, a discussão sobre o assunto já se alonga há mais de 30 anos, na Europa e Estados Unidos; segundo o que devemos considerar interdisciplinaridade em nosso contexto.

De fato, algumas definições apresentadas não se encaixariam claramente no que a CAPES propõe em seus documentos sobre interdisciplinaridade (CAPES, 2003).

Mayville (1978) define interdisciplinaridade como a interação entre duas ou mais disciplinas diferentes, integrando seus conceitos, metodologia, procedimentos, epistemologia, terminologia e dados. Essa definição não está, pelo menos até a extensão em que se possa observar, propondo a criação de uma nova ciência integrando duas anteriores, mas uma *interação* entre disciplinas. De fato, Kelly (1996) aconselha uma interdisciplinaridade ampla, isto é, compartilhar suposições epistemológicas entre as disciplinas e argumenta que as ciências exatas e biológicas se beneficiariam muito se eliminassem valores ou suposições arraigadas, ao integrar-se com as humanidades.

Nissani (1997) vai caracterizar a interdisciplinaridade como reunindo componentes diferentes de duas ou mais disciplinas:

No discurso acadêmico, a interdisciplinaridade aplica-se a quatro áreas: conhecimento, pesquisa, educação e teoria. O conhecimento interdisciplinar envolve a familiaridade com componentes de duas ou mais disciplinas. A pesquisa interdisciplinar combina os componentes de duas ou mais disciplinas, na busca ou criação de novos conhecimentos, operações ou expressões artísticas. A educação interdisciplinar combina componentes de duas ou mais disciplinas num único programa de instrução. A teoria interdisciplinar faz do conhecimento, pesquisa ou educação interdisciplinar seu objeto principal de estudo. (p.202)

Esta clarificação é fundamental para nós. Nitidamente, a produção de novo campo de pesquisa, ou de nova área de ciência, é um caminho a ser percorrido.

Nenhuma das definições apresentadas propõe tal ciência. No caso da pesquisa interdisciplinar, espera-se uma busca ou criação de novos conhecimentos, mas não uma nova área. A educação interdisciplinar integra, mas não cria, necessariamente, algo novo. E, a teoria interdisciplinar, vai *estudar* os três elementos: conhecimento, pesquisa e educação.

Contudo, devemos estar vigilantes, porque Nissani (1997), que alegremente advoga a interdisciplinaridade, nos adverte para a dura realidade, ao afirmar que:

Será pouco provável que, mesmo sob as mais propícias circunstâncias, um pesquisador interdisciplinar domine totalmente a área mais ampla de conhecimento, do que os especialistas no assunto. (p. 208)

Quando consideramos a discussão acadêmica, a pesquisa e a produção do conhecimento, devemos perceber que é muito fácil cairmos no tecnicismo, um dos problemas apresentados pela interdisciplinaridade. E, enquanto um técnico pode ser **treinado** em poucos anos, um cientista é **cultivado**.

Não estou propondo uma posição irreduzível contrária à interdisciplinaridade. Longe disso, mesmo porque acredito que ela é necessária, ao menos para dar ao cientista uma

dimensão de seu papel social e das conseqüências de sua produção, que a ciência fragmentada não fornece; é fácil ao cientista isolar-se e ignorar as implicações de seu trabalho: a interdisciplinaridade, neste sentido, é implacável. Não desculpa a ignorância e permite à sociedade, que mantém os pesquisadores, cobrar deles os resultados desastrosos ou positivos de suas pesquisas.

O que estou propondo é um aprofundamento nas discussões. A tradição brasileira, tipicamente colonizada, rapidamente importa idéias e as aplica, sem questionamentos mais extensos. O risco é óbvio: queremos treinar técnicos ou cultivar cientistas?

Assim, o problema fundamental que estamos enfrentando é uma migração rápida e sem aprofundamento, de uma área denominada ‘multidisciplinar’, pela CAPES, para a ‘interdisciplinar’, penalizando os cursos de Pós-Graduação que se caracterizam, fundamentalmente, por um enfoque nas ciências humanas.

Isso porque, dentro das ciências exatas e biológicas, a criação de uma nova área de conhecimento é mais objetiva. O mesmo não ocorre nas ciências humanas e da saúde, onde novos conhecimentos vão integrar aqueles já obtidos anteriormente, sem criar uma nova ciência.

Gostaria, então, de analisar, dentro da área do desenvolvimento infantil, uma nova área de pesquisa, que tem surgido nos últimos anos, como decorrência da visão interdisciplinar, a *ciência do desenvolvimento*.

No final dos anos 1990, foi criado o Carolina Consortium on Human Development, um centro avançado de estudos sobre a ciência do desenvolvimento, como conseqüência do encontro de cientistas de diferentes disciplinas, que estavam discutindo o desenvolvimento humano. Este centro definiu a ciência do desenvolvimento como

...uma síntese do que tem sido gerado para orientar a pesquisa nas disciplinas sociais, psicológicas e bio-comportamentais. Ela descreve uma orientação geral para unir conceitos e descobertas em áreas, até então dispersas, na pesquisa em desenvolvimento, enfatizando uma inter-relação dinâmica entre os processos através de enquadramentos temporais, níveis de análise e contexto...Nesta perspectiva, o fenômeno do funcionamento individual é visto em múltiplos níveis – dos subsistemas da genética, neurobiologia e hormônios, até os da família, das relações sociais, comunidades e culturas... Para isso, estratégias de pesquisas comparativas, transculturais e intergeracionais devem ser empregadas, em conjunto com métodos experimentais tradicionais. (CAIRNS, ELDER E COSTELLO, 1996, p.1).

A perspectiva da ciência do desenvolvimento ainda está em evolução e é objeto de discussões, porque as dificuldades a serem superadas são muito extensas. Os limites da formação universitária, as dificuldades de se conseguir financiamento de pesquisa para áreas

novas não-exatas, não-biológicas, o conflito de crenças arraigadas entre os próprios pesquisadores de cada uma das áreas envolvidas, são exemplos do que ainda deve ser ultrapassado.

Para nós, aqui no Brasil, essa proposta ainda parece um pouco distante, embora alguns cursos de Pós-Graduação com ênfase interdisciplinar estejam tentando equacionar essas dificuldades e procurar uma forma de lidar com a questão, como o Programa de Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o qual, em seus princípios, busca enfocar a criança com distúrbios em múltiplos níveis – dos subsistemas da genética, neurobiologia e hormônios, até os da família, das relações sociais, comunidades e culturas.

O que observamos, ainda em nosso Programa, é a necessidade de operacionalizar nossa busca em ações concretas, mesmo porque temos uma história muito recente. Desse ponto de vista, precisamos, entre os membros do Programa, organizar discussões e pesquisas afins, efetivamente. Um segundo momento poderia ser o de convênios externos.

Por outro lado, somente a discussão dessas questões irá favorecer a evolução de uma nova forma de pensar o desenvolvimento, mas que leve em consideração a diversidade entre as ciências e os problemas enfrentados no Brasil, onde, ainda, uma parcela significativa dos pesquisadores tem dificuldades de obter verbas e de acessar o conhecimento mais atualizado em suas áreas de atuação. Muitas vezes, observamos nas Universidades a utilização de referências ultrapassadas, textos publicados há mais de 30 anos, com definições e conteúdos já superados.

Não há, no momento consenso quanto a esse tema. As discussões, como foi dito, se prolongam há 30 anos na Europa e Estados Unidos. Portanto, não podemos esperar soluções mágicas no Brasil. E, o ‘jeitinho’ típico de nossa terra não é aconselhável, para não corrermos o risco de, mais uma vez, atropelarmos aqueles que estão fazendo pesquisas sérias e estão envolvidos com a produção de conhecimento que irá, realmente, produzir mudanças concretas e internacionalmente reconhecidas em nossa área de atuação.

ABSTRACT

This paper discusses multi- and interdisciplinarity questions in institutional assessments' contexts and ways of integrating different areas of knowledge within a developmental science perspective.

Keywords: Multidisciplinarity, Interdisciplinarity, Developmental Science.

REFERÊNCIAS

CAIRNS, R. B.; ELDER, G. H. e COSTELLO, E. J. *Developmental science*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1996.

CAPES. *Documentos de área multidisciplinar*. Disponível online, www.capes.gov.br, 2003.

KELLY, J. S. Wide and narrow interdisciplinarity. *Journal of General Education*, v. 45, n. 2, p. 95-113, 1996.

MAYVILLE, W. V. Interdisciplinarity: The mutable paradigm. *AAHE/ERIC/Higher Education Research Report*, n. 9, 1978.

MURRAY, B. Weaving an interdisciplinary education. *APA Monitor*, v. 30, n. 5, 1999. Disponível online, www.apa.org.

NISSANI, M. Ten cheers for interdisciplinarity: The case for interdisciplinary knowledge and research. *Social Science Journal*, v. 34, n. 2, p. 202-217, 1997.

SQUIRES, G. Interdisciplinarity in higher education in the United Kingdom. *European Journal of Education*, v. 27, n. 3, p. 201-210, 1992.